

O DIA EM QUE ELES CHEGARAM...

**Você pode achar que eles não existem...
Mas eles Sabem que você existe.**

RESUMO DO LIVRO:

No meio da selva, uma pequena e pacata aldeia indígena vivia em paz com a natureza, mas estranhas coisas começaram a acontecer. Misteriosamente um grupo de homens brancos chegou para pesquisar sobre a origem da tribo. E com o passar do tempo, alguns indígenas começam a desaparecer sem deixar rastros, O medo e as suspeitas aumentam, e os indígenas começam a pensar que talvez aqueles simpáticos forasteiros, também estejam envolvidos nos desaparecimentos, mas o que os membros da tribo Arara estavam presta a descobrir, seria algo maior do que suas mentes podiam imaginar.

Afastados da civilização, e Isolados no meio da floresta, todo cuidado é pouco, pois a harmonia da tribo nunca mais foi à mesma desde o dia em que eles chegaram...

CAPÍTULOS DO LIVRO:

**CAPÍTULO 01:
VULTOS NEGROS**

**CAPÍTULO 02:
A CHEGADA**

**CAPÍTULO 03:
DE ONDE VIEMOS**

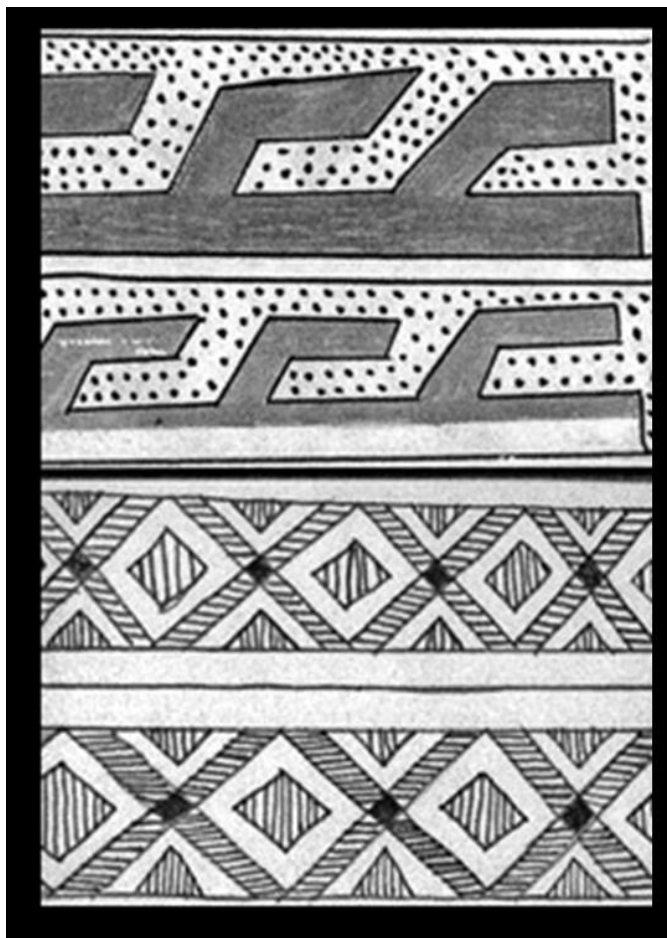
**CAPÍTULO 04:
O GRITO DE AYRA**

**CAPÍTULO 05:
ONDE ESTA HOTXUÁ**

**CAPÍTULO 06:
LUZES NA ÁGUA**

**CAPÍTULO 07:
HABITANTES EXTERNOS**

CAPÍTULO 01: VULTOS NEGROS



Em meio a uma densa floresta, vive uma pequena tribo indígena, mas afastados da civilização, ninguém vai ouvi-los gritar por ajuda, se algo os atormentar, Isolados, e cercados pela selva, vivem os Araras...

Os Araras são uma típica e pequena tribo indígena, que vivem da natureza, pesca, e caça, eles consistem em apenas de 170 membros, e suas crenças de bem e mal são bem fortes e lendárias. Os Araras são muito unidos, e a coletividade é aprendida desde criança. Mas devido às dificuldades e perigos da selva, eles moram em casas nas árvores feitas de madeira, de até 30 metros de altura, e por serem nômades, estão sempre mudando para sua sobrevivência, e melhor bem estar da aldeia. Suas características se definem como negros altos, fortes, cabelos trançados, seus corpos são repletos de desenhos simbólicos, e suas vestes são de folhas, palhas trançadas, e retalhos de algodão. Havia também uma grande oca no chão, ela era enorme e ficava bem no meio da aldeia, chamada de oca central, que os Araras usavam para se proteger das fortes chuvas, e comemorar os fartos

festivais da colheita. Toda a tribo era guiada pela transição da lua, pois cada fase da lua tinha um significado muito importante a toda aldeia, desde os efeitos da maré, as colheitas, e as mudanças climáticas do ano.

CASA DOS ARARAS:





A tribo Arara é liderada pelo bravo cacique Tibiriçá, que com muita rigidez colocava ordens para um melhor desenvolvimento da aldeia, mas mesmo ele, respeitava as sabias palavras de Tupã, que além de ser o pajé da aldeia, era também e o homem mais velho de toda a tribo, sempre segurando seu cachimbo, e seu enfeitado maracá para orações, ele tinha uma vasta sabedoria que guiava os membros da tribo, e com seus conhecimentos de curandeiro,

usando ervas, raízes, cogumelos, e tudo que a selva oferecia, Tupã remediava a toda a aldeia quando necessário.

Mas os destaques da tribo Arara era a talentosa Aci e o alegre Hotxuá, Aci era a mãe da tribo, sempre com sua bengala, era a mais velha das mulheres, e além de ser a parteira da aldeia, e liderar as mulheres Araras nos afazeres diários enquanto os homens caçavam,

Aci também era mestre em fazer objetos de barro, e artesanato em gerais, sua especialidade era a cestaria, e toda tarde Aci dava aulas para as jovens moças da tribo Arara na oca central.

Pois os objetos que Aci e as outras mulheres faziam, eram essenciais para o conforto diário da tribo. Já o cativante Hotxuá era o palhaço da aldeia, ele era o mais alegre dos Araras, sempre cheio de pulseiras e colares coloridos de sementes, ele pintava seu rosto de forma diferenciada dos demais, e também usava um original cocar de folhas e palhas trançadas. Hotxuá não falava muito, mas adorava imitar som de animais, e as suas brincadeiras e imitações, faziam à alegria da aldeia,

**principalmente a felicidade das crianças,
como os pequenos Ayra e Cainã.**

**Hotxuá vivia tocando sua flauta pã,as
musicas que Hotxuá tocava, servia para
animar os dias trabalhosos dos Araras.
Em algumas noites depois de comerem,
o pajé Tupã reunia todos os membros em
volta da fogueira para contar historias,
por ser o mais velho e respeitado da
aldeia, Tupã fascinava os Araras com as
lendas dos antepassados, as historias do
homem branco, as profecias, e tudo o
que ele ouvia,quando ainda era criança,
contava sobre a origem dos araras, e
muitas dessas lendas, passavam de
geração em geração ate os dias de hoje.
Mas nos últimos tempos, o assunto mais
falado por toda a aldeia, era sobre os
misteriosos “vultos negros”.**

**Tudo Começou quando alguns membros
da tribo acordavam de madrugada, e do
alto de suas casas, eles viam estranhas
luzes no céu, as luzes eram maiores que
estrelas e brilhavam como fogo, mas
logo desapareciam, assim como surgiam.**

**Logo após isso, começaram aparecer
misteriosas marcas na mata, e caminhos
feitos no meio da floresta, no qual
nenhum caçador da aldeia havia feito.**

Os caçadores também perceberam que os animais da região estavam muito assustados, e Vários índios da tribo afirmavam se sentirem observados, e perseguidos por estranhos vultos negros durante as caças. As mulheres também mencionaram que enquanto colhiam frutas, diziam ver vultos negros correndo pelo mato. Com tantos relatos assustadores a aldeia toda estava tensa e preocupada, pois devido suas crenças, os Araras acreditavam muito maus espíritos. Desde então, as crianças não brincavam mais a noite, muitos deixaram de caçar ao anoitecer, e depois do por do sol todos subiam para suas casas e poucos se arriscavam a descer. Embora o velho pajé tentasse acalmar os membros da tribo, dizendo que o medo faz o desconhecido se tornar real, E apenas orações ao “criador” iriam afastá-los da aldeia. Mesmo assim muitos indígenas continuavam dizendo que os chamados vultos negros, eram mesmo reais, e não espirituais.

Mas em meio à medrosa e cuidadosa tribo, se destacavam os jovens, Turuna, Porã e Upiara. Turuna era o mais ágil,

O melhor caçador e pescador da aldeia, já seu melhor amigo Upiara era muito conhecido por suas habilidades artesanais, e de construção, as melhores armas, instrumentos musicais, e canoas eram feitos pelo talentoso Upiara.

E a bela Porã era a filha do cacique Tibiriçá, e considerada a mulher mais linda de toda a tribo. Porã adorava se enfeitar, e enfeitar as outras mulheres da aldeia, ela fabricava diversos colares e pulseiras, e sempre usava diferentes cocares em sua cabeça, e por ser a mais bela Arara, Porã causava fascinação nos homens da tribo, mas seu coração já era de Turuna, No qual os dois eram apaixonados desde criança, os dois cresceram juntos e já estavam na idade de formar uma família, por isso estavam noivos, e logo se casariam.

O trio de amigos eram uns dos poucos que continuavam a passear durante a noite. Amigos desde infância, eles adoravam passar dos limites da aldeia para se aventurar em passeios noturnos. Em uma noite quente, enquanto estavam se banhando na cachoeira a luz do luar. Os três falavam sobre o casamento que logo se aproximava, mas foram

**surpreendentemente interrompidos
quando ouviram um som estridente e
forte, vindo ao longe na direção do rio,
eles não conseguiram compreender o
que era aquele barulho.**

**Pois Nunca haviam escutado aquele
misterioso som antes daquele dia.**

**Upiara: o que é isso? Será um animal
morrendo...**

**Porã: acho que deve ser só uma árvore
caindo...**

**Turuna: milhares de árvores caem o
tempo todo na selva, mas em toda minha
vida, nunca ouvi uma fazer um som
desses...**

**Upiara: seja o que for isso, esta perto
daqui, é melhor voltarmos para os limites
da aldeia...**

**Turuna: se formos embora agora, nunca
saberemos o que realmente é.**

**Porã: e quem disse que queremos saber
o que é?...Um som horrível desses, não
pode ser algo bom.**

Turuna: vocês dois podem ficar aqui, eu vou ate lá, e já volto.

Upiara: e se você não puder voltar, poderemos ficar aqui a noite toda a sua espera.

Porã: já que é assim, então é melhor irmos todos juntos de um vez...Pois Se algo der errado, pelo menos estaremos juntos.

Turuna: ótimo, se aquilo for algo perigoso para a tribo, temos mais chances de alertar os outros.

Intrigados eles Resolveram seguir o som, e à medida que se aproximavam o som aumentava, ate que em poucos metros adiante, viram luzes azuladas sobre a mata, e toda a escuridão da selva clareou com as fortes luzes que viam entre as arvores, aquilo era uma luz pulsante e inexplicável, pois a única luz que os jovens araras conheciam era a do fogo. Agacharam-se em uma moita, e ficaram espiando com medo de descer ate a margem do rio, pois era onde o misterioso centro da luzes estava.

Turuna: em nome do criador, o que é aquilo?

Upiara: eu disse a vocês que era melhor voltarmos para aldeia.

Mas o corajoso Turuna, contrariando o medo dos amigos, se levante corajosamente e caminha até as luzes.

Porã: turuna! , volte agora pra cá, vamos embora! .

E quando Turuna estava chegando perto da margem do rio, a luz ficou mais pulsante e um forte vento começou a soprar na direção deles, assustado Turuna corre de volta em direção aos amigos na moita, e Assombrados pela visão que tiveram, eles fugiram desesperados do local, se aranhando pelo mato, correndo de volta a segurança da aldeia Arara.

Por mais que tentassem, eles não conseguiram dormir aquela noite e ao amanhecer, os três amigos, ainda estavam em choque com o acontecido, mas eles sabiam que se comunicassem ao pai de Porã, o rígido cacique Tibiriçá,

ele os castigaria severamente por saírem dos limites da aldeia de noite, sem as suas ordens. Confusos, E sem nenhuma explicação aparente do fato, eles procuraram respostas com o mais sábio de toda a tribo, o velho pajé tupã.

Que como de costume esta sentado fumando seu precioso cachimbo.

Os jovens se aproximam de dizem:

Turuna: mestre, precisamos muito falar com o senhor sobre o que vimos ontem à noite, sei que o senhor já nos alertou varias vezes, sobre nossas escapadas fora da fronteira, Mas o que nos vimos ontem não foi uma ameaça normal da selva...

Muito Intrigado,o velho sentado se inclinou para frente, colocou a mão no queixo, prestando ainda mais atenção no que os jovens diziam.

Porã: nunca vimos aquilo antes, e creio que ninguém da aldeia pode explicar o que houve a não ser o senhor...

Upiara: nunca devíamos ter ido lá, depois do que vimos, agora vamos ficar com

duvida do que era para o resto de nossas vidas, era melhor nem termos visto.

Turuna: estávamos na cachoeira, quando ouvimos um som ensurdecedor, então nos no aproximamos, e havia luzes azuladas perto do lago, mas não era fogo, tinha uma cor forte, mas quando eu tentei me aproximar mais, toda selva se clareou, e um vendaval me arrastou para trás, Então saímos correndo de volta pra aldeia. O que o senhor acha que era isso mestre Tupã?

O sábio pajé traga o seu cachimbo desconfiado, e responde aos jovens...

Tupã: a escuridão da selva pode nos fazer ver coisas que não estão lá, mas pelo que vocês me contaram os três com certeza viram alguma coisa estranha, para estarem tão assustados, mas tudo tem uma explicação, e seja o que for, Vai aparecer novamente um dia. Então juntos enfrentaremos o vento, e poderemos saber o que realmente é... Mas se não voltar, não se preocupem com o que viram. Pois os espíritos dos antigos Araras e da selva protegem

todos da nossa aldeia, desde que vocês estejam dentro da fronteira.

Então Acalmados pelo velho pajé, eles retornam aos seus afazeres diários. Mas mesmo sem demonstrar, Tupã ficou muito preocupado, Após ouvir os jovens,

O pajé confuso e ainda desconfiado decide investigar as luzes azuis sem fogo que Turura havia dito. E é nesse momento que o velho pajé, começa a achar que os vultos negros, não são apenas imaginações coletivas, E que Talvez eles sejam mesmo reais.

Mas devido à idade, ele poucas vezes saia das redondezas da aldeia, o único lugar que Tupã ia com freqüência, era o cemitério Arara, onde lá ele fazia rituais de proteção aos espíritos para dar mais saúde e paz à tribo. Mas com a desculpa de colher ervas para remediar a aldeia, o pajé recusou-se companhia, e saiu sozinho se embrenhando pela mata.

Horas depois, ela Chega ao exato local descrito por Turuna, Porã, e Upiara.

Tupã estava na beira do rio, no qual os amigos não tiveram coragem de prosseguir, lá ele observa varias marcas estranhas, e diversas pegadas, mas não

eram pegadas feitas pelos araras, elas tinham formas muito diferentes.

E para o pajé aquilo era a prova viva, que os araras não estavam mais sozinhos na selva. Ainda desconfiado, Tupã se senta, e começa a chacoalhar seu sagrado maracá, fazendo uma reza aos espíritos da floresta, de olhos fechados ele não percebe, mas estava sendo observado bem de perto por alguém escondido no meio da densa mata, sempre fumando seu cachimbo, ele Passou alguns minutos Olhando para o céu Pensativo, mas logo após retornou a aldeia.

Os dias se passam, e as marcas e os sinais na selva ficam cada vez maiores. Os caçadores começam a perceber que a mata esta cada vez mais silenciosa, como se todos os animais tivessem sumido dos arredores da aldeia.

Mas embora o medo do desconhecido, ecoasse sobre a tribo, eles não deixaram de fazer os seus afazeres diários.

CAPÍTULO 02: A CHEGADA



Com a organizada supervisão de Aci, os preparativos do casamento de Turuna e Porã começaram cedo na aldeia, todos estavam ajudando, pois o casal era muito querido pela tribo, e a festa prometia muita fartura. Os Araras começaram a fazer as pinturas corporais logo de manhã, de crianças aos velhos, todos pintavam seus corpos de maneira simbólica, com desenhos típicos dos Araras para comemorar o esperado casamento. Eles usavam três cores principais nas pinturas, o preto, o vermelho, e o amarelo. O preto extraído do jenipapo, o vermelho extraído do urucum, e o amarelo extraído do açafreão. A noiva Porã estava mais enfeitada e radiante do que os outros dias, pois sempre sonhou com o dia em que fosse se casar com o valente Turuna. Os dois juraram amor eterno, e à hora deles concretizarem seu amor diante a aldeia, finalmente estava próxima. A noite chegou, e estava mais vibrante do que nunca, Toda a aldeia estava em festa dançando e cantando, pois com a aprovação e benção dos pais, Turuna e Porã estavam alegremente se casando.

A noite chegou cedo, e o jovem casal estava em êxtase com a comemoração ao redor deles, todos da tribo os reverenciavam, enquanto isso o divertido Hotxuá faziam os pequenos Ararinhas gargalharem de rir com suas palhaçadas. Tudo estava em completa alegria, os Araras bebiam e dançavam, mas em meio à diversão da musica, dos batuques, e da farta comida, um assustado e estridente grito se escuta no meio da festa. Imediatamente todos ficam assustados e aos poucos a musica e os batuques param, todos os Araras ficam parados em silêncio, olhando em direção do grito, mas nenhum barulho se escuta a não ser lentos passos caminhando em direção ao centro da aldeia. Ao longe se via cinco estranhos se aproximam da colônia, e ao chegarem perto da luz da fogueira, todos ficam espantados com a aparência daqueles seres, suas vestes eram estranhas, e cada um deles tinha uma forma física diferente, não eram como os araras, Eles eram em seis, duas mulheres e quatro homens, três na frente e três logo atrás trazendo uma espécie de carroça coberta, cheia de estranhos objetos,